

O JORNAL



Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

∞ O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina. ∞

MODAS.



Em quanto a França se apinhôa, e em corpo gentil, ergue-se esbelta, faustosa e prasenteira, victoriando o seu Napoleão III, esse homem prestigioso, a quem mui grande serviço lhe devem as nações cultas (Não me perguntem que serviço é esse, porque eu não me metto em bicos de canivetes) em quanto de uma parte assignão-se decretos de beneficencia geral e os pobres vão resonar, pelo menos coitadinhas, sobre os seus colxões e cobertores desembaraçados do cruel empenho de meia duzia de *soldos* que lhes serão emprestados para matar a fome de um dia; e d'outra parte roda o luxo de um imperio pomposo na berlinda das galas e da Magestade elevada ao poder. Em quanto Paris é o esplendido theatro das mais brilhantes festas e ovações, dos mais altos beneficios de caridade, da mais viva alegria derramada sobre todos os corações monarchistas... a Christina está escrevendo-vos

o seu humilde artigo de modas, folheando os Jornaes e miando os figurinos que lhe chegarão pelo *Severn*, para no fim de contas vos offerecer, querida leitora, não um imperio, porque já possuís não só aquelle que é de todos nós, cujo Monarcha piedoso, sabio e intelligente e uma Imperatriz excelsa, toda virtudes e bondade, lhe formão o diadema mais brilhante do mundo; mas ainda o que é exclusivamente vosso, o que vos pertence, e onde tendes todo o dominio, sobre cada um coração que vos adora e respeita; porém para offerecer-vos, repito, tudo quanto posso dar-vos com este numero do JORNAL DAS SENHORAS, que vem a ser: uma linda valsa, e os moldes do ultimo e mais elegante corpinho de *basquine* que a moda nos trouxe.

A valsa, composta pelo nosso habil artista o Sr. Noronha, só executando-a vós, ou ouvindo-a, querida leitora, é que podereis por certo ava-

liar a razão porque elle a appellidou com o doce e ameno nome de *CANDIDINA*, esse nome tão sympathico, tão cheio de expressão...

Os moldes do corpinho de basquine não são bem seguramente do numero d'esses que os jornaes francezes publicão somente para seu enfeite e luxo, e cujos riscos são tirados mais para ver do que para acertar, pois quasi nunca podem servir para o effeito indicado. Os nossos moldes são simples, e, além de serem feitos a capricho e com a especialidade de poderem-se cortar e dividir cada uma das peças que o compõe, o que muito vos facilitará o córte, tem além disto a certeza, a exactidão do talho, de maneira que podereis assental-os sobre a fazenda e com elles cortar o corpinho, bem segura de que vos sahirá uma obra completa. Elles são tão bem divididos que por si explicão o como se devem ajuntar.

Releva em p meiro logar explicar-vos que, todas as vezes que tiverdes de cortar um corpinho por estes moldes, deveis dar-lhes mais fazenda, ou como se costuma a dizer *deveis dar o desconto*, pois que os riscos pretos que vedes indicão exactamente as costuras do corpinho *sem desconto*.

Os moldes representam metade ou um lado do corpinho.

A peça n. 1 é o dianteiro, o qual está disposto para corpinho fechado até acima, ou aberto, conforme quizerdes; e esses dois grandes golpes que vedes é para completar o talhe da cintura, para cujo fim ajuntão-se os golpes e cosem-se na mesma direcção dos riscos.

A peça n. 2 é o lado do corpinho com *basquine* inteiriço.

A peça n. 3 é a metade das costas, tambem com *basquine* inteiriço.

A peça n. 4 propriamente é a parte do *basquine* que falta para ajuntar ao dianteiro; esta peça deve ser cortada ao fio corrido da fazenda, quer seja lisa, de listas ou de ramagens, afim de bem assentar sobre a saia, e não ficar parecendo antes um babado mal feito, o que seria de muito máo gosto. Para melhor acertar o *basquine*, é necessario pregal-o depois de cosidas todas as outras peças do corpinho, e pôde-se-lhe dar a largueza que se quizer: os moldes vão indicando o mais moderno; porém fica ao vósso gosto a modificação de todos os detalhes desta moda. Porque tambem acontece que o mais distincto, o mais delicade é *fazer todo* o corpinho, se a fazenda fór de listas ou ramagem, no sentido in-

verso em que estiverem as listas ou ramagens da saia; por exemplo: se a saia fór de listas ao comprido, o corpinho será de listas atravessadas, e vice-versa; mas nem por isso segue-se que nos subordinemos á moda ao ponto de só executarmos o que nos ella determinar; o *basquine* poderá ser feito como bem vos parecer.

Mas, seja o *basquine* desta ou daquella fórma, querida leitora, a minha humilde opinião a respeito de gosto é toda em seu favor: um vestido com *basquine* é por sem duvida um vestido mui elegante em qualquer idade e em qualquer estação. Modas ha, haveis de concordar comigo, que mais ou meños vão bem em todos, porque ellas tendem a remediar ou a emprestar ao corpo certa graça ou certa fórma agradavel. Nos vestidos decotados já vemos nós o contrario; esta moda, que sempre hade ser moda, é entretanto mais esquivá, menos generosa; ella necessita da belleza, da elegancia do corpo para tomar então o delicioso realce que muitas vezes apresenta; está nas circumstancias dos calções, que revelão as pernas finas dos homens ainda mesmo contra a vontade delles.

E desta vez fico por estas alturas, querida leitora, enviando-vos um abracinho, até a semana que vem.

Cattete, 11 de janeiro.

Christina.

O LIVRO DE JULIA.

Fragmentos.

(Continuação.)

VI.

.....

E assim como a belleza e o genio é um dom celestial que recebemos da natureza, assim tambem a fé a devemos de considerar independente de nós mesmos.

Essa convicção profunda, ou a sentimos dentro de nós mesmos, mas innata, enlaçada connosco, pressa á nossa alma por laços occultos, ou os esforços que fizemos por adquiril-a hão de ser todos baldados.

O pensamento é unico e indivisivel; não se pôde dividir e fazer obrar uma parte delle sobre

a outra. Esperar ou temer, crer ou duvidar, eis o destino da alma em materia de religião.

Se as nossas faculdades nos forão plantadas n'alma pela mão do Eterno, a fé tambem o foi.

E a fé completa a vida do homem. Só ella é capaz de o suster á beira do precipicio da duvida e da incerteza....

.....
E a religião sem fé o que será? Impossivel!

Para reconhecer como verdadeiros os dogmas de tal ou tal religião, vê-se, ás vezes, o homem em luta reñhida consigo mesmo, principalmente se a sua razão fôr illustrada. Obrigado, por intervallos, a duvidar de tudo o que é contrario á sua razão, tem escrupulos e alimenta incertezas, e chega até a arrepender-se de se ter de tal sorte dedicado a essas incertezas que lhe é mister ou reconhecer que a sua vida passada foi de nenhuma utilidade, ou dedicar-lhe a vida futura. O coração e o espirito vêem-se ambos limitados pela devoção propriamente dita.

Mas se a fé vem em auxilio á razão do homem, se esta lhe dita como bons esses dogmas, aquella acode logo a sancionar a escolha.

Então enraiza-se a crença.

E o seu poder é immenso. As chronicas de todos os paizes ahí estão que fallão bem alto. Nesses tempos barbaros do feudalismo, nessas épocas de masmorras e de torneios, de justas e de cadafalsos, vião-se milhares de victimas innocentes supportarem tranquillas o supplicio que lhes infligia a crueldade de seus *senhores*. Virtudes, talentos, belleza, tudo vião ellas expirar com o seu derradeiro arranco, e não tremião todavia ao subir as escadas do patibulo.

Que força mysteriosa lhes segurava pois os passos?

A fé; a crença religiosa.

Julia, essas raças que nos precederão, e cujas pegadas forão riscadas da superficie da terra pela mão desse grande destruidor, chamado tempo: essas raças, cuja vida admiravel nos transmittiu a historia, forão bem felizes na sua crença.

Dúvida em materia de fé não a tinham, desconfiança não a até.

Privações, soffrimentos, martyrios—tudo soffrião os homens e as mulheres daquelles tempos sem renegarem nunca dos principios religiosos, que o seu coração abraçara de mãos dadas com a razão.

Embora te digão, Julia, como eu já te dis e n'uma pagina deste livro, que o scepticismo, ca-

sado com o materialismo, veio apagar a crença e a fé a quem a tinha ainda. Não os creias, não me creias a mim tambem: — ha occasiões em que o homem escreve o que não devêra nem se quer pensar. Quando eu te disse semelhante cousa é que me esquecia dessa grande reacção religiosa que se está operando; — esquecia-me que Lamennais, Chatteaubriand, Lamartine e Hugo têm combalido com toda a força da logica essa tendencia que se ia notando em o nosso seculo para a irreligião; e que a têm quasi suplantada.

E' verdade, nos primeiros annos do seculo XIX, a hydra do materialismo ameaçava na França tragar toda a fé, e toda a crença, que mais tarde começou de arreigar-se nos corações, regada com a doutrina orthodoxa daquelles campeões do christianismo.

Mas os proselitos do atheismo são hoje bem poucos, especialmente em Portugal.

Porque não só na peninsula iberica o instincto religioso é muito mais profundo, mas porque os mestres da litteratura portugueza afinarão as suas lyras pelas melodias do Evangelho. Herculano, Garrett, Lemos, e outros—houverão por bem continuar em Portugal a reacção começada na França, e têm quasi conseguido o seu fim.

Quem ha ahí que depois da leitura daquelles escriptores se atreva a impugnar a existencia de Deus, e a duvidar dos beneficios da religião christã?

.....
.....

Continúa.



Ao retrato de...

Elevei cá da terra o pensamento
Devisai-te a vagar no firmamento
Occulta em brando véo;
E tornei a avistar-te ao fim do dia
Envolyda no manto da poesia
Voando pelo Céu!

Foi a copia fiel da tua imagem,
Diferente só era na roupagem.
De nuvens de cristal;
E segulas o rumo d'uma estrella
Que sorria-se ali tremula e bella
Com brilho glacial!

Fugiste... E de balde ao firmamento
Elevei outra vez meu pensamento
— Não mais lá te encontrei.
Hoje folgo de ver a tua imagem
Apenas differente na roupagem
Da vez que te avistei!

Ao seio d'albion meu pensamento
Corre, vòs veloz n'aza do vento
Contempla o rosto teu;
E volta de repente a tua imagem
Apenas differente na roupagem
Que tinhas lá no Céu.

E folgo de te ver de mim tão perto,
Como a estrella que guia no deserto
Caminho ao viajor;
Como a lyra tangida na saudade,
Como o pranto que vertê em soledade
Proscripto trovador.

E folgo de te ver assim tão bella,
Tão pura, tão mimosa, tão singella
Qual flor da solidão;
Qual murmurio da fonte prateada,
Que vem de pedra em pedra despenhada
Fallando ao coração.

Qual nuvem que vaga melindrosa
Sobre as azas da briza vaporosa
N'um Céu de puro annil;
Qual a meiga canção pura, divina
D'uma ave que gorgeia peregrina
Nas selvas do Brasil!

Corre, vòs veloz á patria cara
Vem brilhar outra vez no Guanabara,
Estrella glacial;
Que eu folgo de te ver no Céu vagando
O mar, e Céu da patria, contemplando
Com vestes de crystal!...

Salomon.

KAROLINA

Novella polaca.

(CONTINUAÇÃO.)

UM INVERNO EM WARSOVIA.

A época em que Karolina deu entrada no mundo era uma triste transição entre a morte e o renascimento da Polonia. A republica já tinha sido riscada da cartá da Europa, e os satélites do gabinete de Berim tinham invadido Warsovia. O povó e a classe media talvez lamentas-

sem este estado de cousas, mas a sociedade, o que se chama o grande mundo, continuava a folgar nas suas loucas distracções.

Espantada e maravilhada de todos os prazeres que via diante de si, Karolina concebeu o projecto de escrever um jornal. Me. de Genlis era a autora desta moda; todas as senhoras ainda moças, todas as raparigas, escrevião então o seu jornal, e nelle consignavão, nelle dizião tudo o que acontecia, ou lhes vinha á cabeça.

O Palatino que queria que sua nora se tornasse uma mulher do grande mundo, em toda a accção da palavra, procurava-lhe novos romances, em ordem, como elle dizia, a formar-lhe o espirito. Karolina, que até então só tinha lido livros de piedade ou de educação, achou-se de repente na posse dos máos romances de Mine. de Genlis.

Este facto dá logar a uma grave questão a saber se a vida real, se as relações sociaes emfim, são mais perniciosas que as leituras mal escolhidas e mal dirigidas.

Ponhamos de parte esta questão.

Aquí começa o jornal de Karolina; deixei de o traduzir não só por ser demasiado extenso, mas tambem e por ventura demasiado minucioso, para poder interessar ás nossas leitoras. Bastará que estas saibão que a serie de festas, de bailes, e de divertimentos de todas as sortes em que entrára Karolina; que as intrigas da sociedade e as communicações frequentes que por occasião destes bailes tiveram logar entre Karolina e Luiz, lhe não pervertendo o espirito e corrompendo o coração, mas que felizmente o seu *bom natural* e os sentimentos religiosos que ella possuia em gráo eminente, a sustijerão a borda do precipicio. Para se fazer uma idéa do que levamos dito, traduzirei os dois ultimos artigos do jornal de Karolina.

« 17 DE MARÇO.

« Ah! mundo, mundo!... feliz quem póde achar-se longe delle, e mais feliz ainda quem o não conhece. Tudo o que eu desejo presentemente é o descanço e a solidão, nem já quero ir á Pariz! Sem firmeza nos meus sentimentos, nem sei o que sou, nem o que quero: ha no fundo da minha alma a vontade de ser melhor, assim Deus me ajude! mas ha tambem em mim uma mudança assás visivel que todos reconhecem, excepto *aquelle* que deveria conformar-se á minha vontade! Os homens ou nos julgão mal, ou não querem ter o trabalho de nos julgar! Ah! quanto me pesa o mundo!... »

CANDINHA.

VALSA DO JORNAL DAS SENHORAS.

Composta por Noronha.



PLANO.

The musical score is written for piano and consists of five systems of staves. Each system has a treble clef on the upper staff and a bass clef on the lower staff. The music is in 3/4 time, as indicated by the '3' over the first staff. The key signature has one sharp (F#), indicated by a sharp sign on the F line of the treble clef and the F# line of the bass clef. The score includes various musical notations such as eighth notes, quarter notes, and chords. There are repeat signs and first/second endings marked with '1.' and '2.' in the fourth system. The word 'PLANO.' is written to the left of the first system.

The first system of musical notation consists of two staves. The upper staff is in treble clef and contains a melodic line with eighth and sixteenth notes, some beamed together. The lower staff is in bass clef and contains a bass line with chords and moving lines.

The second system of musical notation consists of two staves. The upper staff has a first ending bracket labeled "1st" and a second ending bracket labeled "2nd". The lower staff continues the bass line with chords and moving lines.

The third system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line with eighth and sixteenth notes. The lower staff continues the bass line with chords and moving lines.

The fourth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line. The lower staff continues the bass line with chords and moving lines.

The fifth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line. The lower staff continues the bass line. The word "Fin" is written in the middle of the system.

The sixth system of musical notation consists of two staves. The upper staff continues the melodic line. The lower staff continues the bass line. The letters "D.C." are written in the bottom right corner of the system.

JORNAL DAS SENHORAS

Corpinho de Basquine

Lith. Imp. de Heaton e Rensburg Rua da Ajuda N.º 68 R. de J.



Costas

3

Peça dianteira do basquine

4

Lados

2

Peça dianteira do corpinho

1

GR-9x

« 19 DE MARÇO.

« Acordei hontem socegada e mui senhora de mim; com a alma toda entregue a Deus, fui ás seis horas da manhã para a igreja afim de me confessar. Era o dia dos annos de meu tio Gabriel, o qual com Theodoro pejeção ha oito annos nas legiões polacas que estão na Italia. Festejamos o dia como se meu tio estivesse presente.

« Depois da confissão julguei-me tornada ao estado da innocencia, julguei-me feliz; e todavia lá vou precipitar-me ainda no turbilhão do grande mundo! É o baile do príncipe José, e ha um jantar de contribuição no palacio Tyszkiewicz: estou nomeada para fazer as honras que eu bem dispensára, porque não posso ver e de the falar. (*) O padre Inphre disse-me que eu me inquietava demasiado porque o sentimento que não é correspondido attingue-se por si mesmo! Estou resolvida a salvar-me mais com elle, assim o prometti ao padre Inphre. »

Complemento da vida de Karolina.

Karolina amava Luiz, como eu já disse, com toda a força, todo arrebatamento e todo o fervor do primeiro amor; amava-o com esta certeza de si mesma, que é muitas vezes o principio do perigo, o que ella teria escapado sem os romances que lhe falsificarão o espirito. Nestas perniciosas leituras havia ella bebido maximas taes como estas—Cria o ciume e inspirareis o amor! Procurai a admiração de todos, para a offerrecer a um só! Quem mais é admirada, tanto mais é amada! Não basta ser boa, é preciso agradar tambem!

Karolina tomando estas loucas heresias por um formulario de conducta, empregava para com seu marido todos estes traquejos de loureira que lhe haviam ensinado os romances. A paixão que tinha inspirado a Luiz servia maravilhosamente aos seus intentos: imaginava que Leão vendo-a adorada por outro, a procuraria e acabaria por amal-a.

A camarista que havia jurado a perda de Karolina, não só para ganhar a aposta, mas tambem para fazer ver que não ha mulher alguma irreprehensivel, mantinha-a neste erro. As mulheres que, á semelhança da camarista, tiverão uma mocidade tempestuosa, procurarão achar no vicio das outras uma desculpa á sua propria conducta.

Karolina não amava Luiz, mas aceitava as suas attentões, e alentava-as com este galanteio que parece prometter tudo e não concede nada.

Nos primeiros encontros havia Karolina mostrado uma grande repugnancia para com a Camarista, mas esta á força de lisonjas soube atrahil-a a si, o que quasi sempre acontece com pessoas inexperientes. Para com Luiz, foi outro o procedimento da Camarista: fez de mulher sensivel; e como os homens não primão neste genero de conhecimentos, por lhe acostumados a observar em grande, não nascem a detalhes, deixou-se elle captivar por estes arremedos de sensibilidade.

Entendendo que a Camarista se interessava seriamente por Karolina, abriu-lhe o seu coração, e pouco foi preciso á Camarista para lhe fazer persuadir que o seu amor era correspondido.

« Karolina vos ama, lhe dizia ella; seu marido é um ente odioso, um mal criado, que só pode ser dominado por uma bruxa tal como é a princeza Julia: elle não pode comprehender os encantos desta innocente meninua, ella é tão pura... No entretanto a sua virtude começa a pezar-lhe algum tanto... Como que enxergo a perplexidade de um divorcio... fazei o que falta, mas sem precipitação, fazei crer á Karolina que vós a amais como um irmão: é facil cahir neste engodo d'afeição, que aliás nada custa á consciencia.

Dest'arte tudo concorreu para a ruina de Karolina, tudo se conspirou para a perder: a perfidia e a affeição.

A assiduidade de Luiz, as conversações da Camarista causarão á Karolina um accesso de vertigem: uma atmosfera de amor atontava-lhe o cerebro: defendia-se, mas soffria; supplicava mas doía-se, sim doía-se que o amor de Luiz não estivesse no coração de Leão, o que já era um passo immenso. Foi então que ella deixou de escrever o seu jornal, receiosa de dar consistencia ao seu pensamento esboçando-o no papel.

A CONFISSÃO.

Karolina isenta de culpas, mas todavia culpada por inexperiencia ou por leviandade, não pôde escapar á malevolencia do mundo: ainda não haviam factos que podessem articular-se; mas o mundo, para calumnias não carece de factos. Ao principio fallou-se somente de namoro; de-

(*) Parece-me escusado lembrar a quem se refere e — o — e — lhe.

pois passou-se a mais alguma cousa entre Luiz e Karolina. A suspeita deu rebate á observação.

Quiz o acaso que n'uma regata de Trenós, (*) coubesse Karolina em sorte a Luiz; e o que era uma fantasia da sorte, não deixou de servir de materia para a censura, bem que, tanto Karolina como Luiz, estivessem innocentes. Partirão os cavallos de Luiz com a rapidez do raio, e n'um instante ficarão a perder de vista. Karolina assustada por esta rápida corrida pedia a Luiz, que contivesse os animaes; e elle afrouxando as re-deas para pegar na mão de Karolina e pedir-lhe perdão, deu aso a que os cavallos não sentindo o freio, disparassem a toda a brida. O perigo era então imminente; Luiz o vê, e com uma força e uma presença de espirito inercíveis, larga de si o capote, e consegue á expensas de esforços violentos, fazer parar os cavallos.

O susto tornara pallida Karolina, e Luiz occupado inteiramente do cuidado de a tranquilisar, não se lembrara de resguardar-se do frio. Voltando para sua casa, uma febre violenta o accommetteu. Sem embargo de seus soffrimentos, e a despeito da prohibição do medico, que o julgava gravemente doente, Luiz não quiz ficar em casa, e depois de tres dias, que lhe parecêrão uma eternidade, foi visitar Karolina. Estava esta só. Ao ver Luiz, Karolina corou, e Luiz como que animado por esta mostra de pejo, pegou-lhe na mão, e pela primeira vez lh'a beijou. Fallou, e era uma grande imprudencia da sua parte, da indifferença de Leão; fallou-lhe do divorcio, o que era uma imprudencia ainda maior, mas tudo isto se disse e se passou tão rapidamente que Karolina não teve tempo de o fazer calar.

Esperava Luiz que esta scena rebentasse por um estrondoso enfadamento real ou ficticio, mas aconteceu ainda peor. Karolina pôz-se a rir, e com tal naturalidade e abertura de coração, que Luiz ficou desnordeado. O riso de Karolina fez derramar vivas lagrimas a Luiz: posto que homem do mundo, era ainda bom e singello, e tinha no coração mais amor, que amor proprio.

As lagrimas e o ciu-me são duas cousas que valem muito para com as mulheres.

Karolina começou a enternecer-se, mas Luiz que tinha pouca experiencia ou demasiado amor, fez mudar esta ternura em colera; e em vez de tomar a attitude de uma victima resignada, prostrou-se aos pés de Karolina, pedindo e suppli-

cando. Por unica resposta lançou-se Karolina um destes olhados em que as mulheres sabem concentrar toda a força de seu desprezo ou de seu desdem. Luiz, aniquilado, disse-lhe que só lhe ficava o recurso de morrer. Atemorisada por esta ameaça, respondeu-lhe ella. « Não me digas palavras tão temerosas; socegai e ouvi-me; accrescentou em tom mais doce. « Não me passava pelo pensamento que a minha bondade seria uma arma que se voltaria contra mim. Sim, não podia pensar que vós terieis o direito de me offender, por isso mesmo que eu era boa para com a vossa pessoa. Tomai sentido, Luiz, no que vos digo; esquecei o que me dissestes, e eu vos perdorei. Que eu seja a vosso respeito uma irmã querida e nada mais, e com esta condição consento em vos tornar a ver. »

Luiz consentiu em tudo, e teria consentido em tel-a por sua avó, comtanto que lhe permittisse o tornar a vel-a.

Annunciarão-se visitas e Luiz retirou-se cheio de esperanças; tanto os homens são facéis em se lisongear a si proprios, como as mulheres o são em se desanimar.

Ficára Karolina altamente perturbada; não sabia a quem attribuir a culpa, se á ella, se á Luiz; accusava-o de ter tomado ao serio o seu galanteio, e analdçoava a si mesma pelo ter empregado da sua parte. Quizera ficar sózinha para reflectir na sua posição, mas as visitas se succederão até o momento em que foi obrigada a sahir para ir ao ensaio da peça que devia representar-se no palacio do príncipe José. Até então o papel das primeiras damas era representado pela camarista, mas desta vez ella fez com que se dêsse á Karolina, contra o parecer de Mme. de Vaubon, que dizia não te: Karolina o habito da scena.

Distribuidos todos os papeis, principiou cada actor a ler o seu, e com tanta graça e com tamanha naturalidade o fez Karolina, e de tal sorte pareccu encantadora a sua timidez, aliás acompanhada de certos toques de verdadeira sensibilidade, que todos os assistentes a cobrirão de bravos e applausos. Fimdo o ensaio, veio abraçal-a Mme. Tysakiewicz, e o príncipe lhe dirigiu as mais graciosas expressões.

Quanto ao palatino, que tambem estava presente, quizera elle pôr-se de joelhos diante de sua nora.

A camarista extasiava-se com mais ou menos sinceridade; e Mme. de Vaubon, que pensava

(*) Trenó, carrete sem rodas em que se viaja sobre os gelos do Norte.

como o príncipe, e fôra a última a fallar, dirigiu a Karolina uma immensidade de cumprimentos. Leão, em estado contemplativo, não podia desviar os olhos fitos inteiramente em sua mulher. Ajustou-se que a peça seria representada oito dias depois da festa de S. José.

Voltando Karolina para sua casa, entrou a reflectir sobre os acontecimentos do dia, exprobando-se amargamente das suas levezas involuntarias. Lamentava-se de não ver senão dôr no amor que ella sentia e no amor que ella inspirava, e chorando cada vez mais pedia a Deus a fortaleza e a alluniãse.

Desde este momento o *jornal* de Karolina passou a ser escripto com um colorido mais grave e mais triste; e pouco depois não continuou mais.

Continua.

SUBTILESA DE ARGUMENTOS.

Epoca houve em que o gosto da moda consistia na subtileza dos argumentos, nas surpresas, no jogo de palavras; e sermões se lêem dos melhores oradores, que primão desde o principio até ao fim, nesta logica de artificios e subtilezas que faria o *bom tom* da moda. Um orador, por exemplo, pregando diante de um rei, dizia: *Senhor, como Herodes, só vós!*...

Ao ouvir estas palavras a corte estremeceu e o povo arregalou os olhos para o prégador, que muito a sangue frio continuou:

Elle tão grande na crueldade como vós na misericordia.

Outro orador fazendo o panegyrico de S. Benedicto dizia:

S. Benedicto foi negro, foi ladrão e foi feitiçeiro...

A devota confriaria do Santo ouvindo este insulto, ia amotinar-se contra o padre, quando elle accrescentou a tempo: *Negro nas cores, ladrão porque roubou o reino do Céu, e feitiçeiro porque captivou os nossos corações. No fim do sermão todo o mundo o applaudia pela sua engenhosa subtileza.*

Este porém ainda foi melhor. Em um dos sermões da Quaresma ha 30 annos, estando a espaçosa igreja de S. Francisco de Paula apinhada de devotos, subiu ao pulpito um sacerdote mui conhecido, e depois de fazer o signal da cruz ergueu-se, encarou o povo, e com voz forte

clamou: *Maldito seja o Pai! maldito o Filho! maldito o Espirito Santo!*... E calou-se. A sensação foi geral; as devotas estremeçerão e abaxarão a cabeça; os homens corarão de indignação: houve rumor na igreja. Mas o padre não lhes deu tempo, e continuou: *Assim dizem neste momento, meus irmãos, os condemnados ao inferno!*...

Podeis avaliar como esta subtileza de argumento foi apreciada.



ANEDOCTA.

O CASAMENTO E A MORTALHA DO CÉU SE TALHA.

— Não sabes, maninha! Dizia Deolinda, moça graciosa, e que podia chamar-se—bem bonita se não fosse a boca excessivamente pequena, e uma vaidade desmedida.

— O que?.. lhe perguntou Ritinha, que em igualdade de belleza tinha a boca algum tanto grande, posto que muito linda.

— E' certo: vai passar na Camara uma lei que obriga a todos os moços solteiros a casar, garantindo-lhes um emprego de que possam viver, sómente com a condição, de se casarem com moças de boca pequena. Ora já vistes cousa assim!...

— Isto é certo, maninha?! Disse Ritinha já contrahindo seus mimosos beiços. Deveras será certo! Repetiu apertando-os ainda mais.

— Certissimo; lhe affirmou a maliciosa Deolinda.

Ritinha d'então em diante à nem um moço mais fallou que não fosse fazendo *biquinho*, bara diminuir sua boca que ella pretendia preparar para o numero d. s bocas pequenas.

Gaspar encontrando-a em certo baile, ficou morto de amores pela menina. Achou-a tão seductora, tão interessante no seu modo de comportar, e de mais quando fallava parecia que lhe offerencia beijos successivos, que não pôde resistir a tantos attractivos, e em pouco tempo casou-se com Ritinha.

Outro tanto não aconteceu a Deolinda; ella, de boca pequena e vaidosa, ficou solteira e ainda espera pela lei, que inventará, para mortificar sua irmã.

No baile das bodas, Deolinda cahiu em si, e reconhece que a sua extrema vaidade lhe era

fatal. Pouco ou quasi nada fallando, para mostrar a todos o quanto era pequena a sua boca, tornava-se insipida e até já ia sendo conhecida pela *moça muda*. Mas desta noite em diante arrependeu-se; conversou, riu e brincou, surprehendendo a todos; até que um velho de antiga amizade da casa disse-lhe ao ouvido:

— D. Deolinda, dou-lhe os parabens; porque o casamento e a mortalha do Céu se talha.

Constança.



MAXIMAS E PENSAMENTOS.

DE UMA ILUSTRE CAPACIDADE BRASILEIRA.

Quando eu entro em conversação com alguém (dizia o celebre Adisson) a primeira cousa que procuro descobrir é qual de nós tem mais vontade de ouvir ao outro, se elle a mim, se eu a elle. Poucos conhecem este segredo!

A instrucção que não é guiada pela sabedoria pode-se comparar a um cavallo valente que deita por terra o cavalleiro.

Ninguem pode viver na sociedade sem tolerancia, e sem concessões reciprocas.

Quem tudo busca, quem tudo censura, e ainda mais quem é indifferente a tudo, é pessoa que não merece nenhuma confiança.

A instrucção temperada com o gosto, entra mais depressa e lança raizes mais profundas.

As paixões são como os corpos pesados atirados do alto de uma montanha; uma vez em movimento, não parão senão na raiz do monte.

As grandes obras não é a força que as acaba, é a perseverança.

RECEITUARIOS CASEIROS.

Não é fora de proposito que nós offereçamos ás nossas Assignantes algumas receitas uteis e proveitosas que nos tem feito o favor de confiar á publicação do nosso *Jornal* uma das pessoas mais respeitáveis da nossa amizade, e que nos assegura ter com ellas alcançado o mais feliz resultado. Não obstante porém estas resultadas e a confiança que depositamos em o nosso amigo temos tido a prudencia de submeter tolo o receptuario á approvação de uma das nossas notabilidades medicas, para irmos assim escudados com a sciencia e a pratica, e conciosamente podermos prestar um pequeno serviço ás nossas Assignantes, que longe dos recursos da sciencia poderão encontrar entre as seguintes receitas algum específico que lhes venha a servir de grande utilidade.



PASTILHAS PARA DESINFECTAR A RESPIRAÇÃO.

Tomem-se 3 onças de chocolate, e uma onça de café em pó; uma onça de carvão bem moído e peneirado: uma onça de assucar: uma oitava de baunilha e a quantidade sufficiente de mucilagem de gomma arabia para reduzir tudo a massa. Fazem-se pastilhas de 18 grãos de peso cada uma e tomão-se quatro ou sei; por dia.

DORES DE CABEÇA.

Para curar dores de cabeça com feliz resultado, faça-se o seguinte: Tome-se um pouco de miolo de pão de rala e meia onça de bagas de zimbro pisadas, humedeça-se tudo com vinagre bom, e faça-se uma massa que se meterá entre dois pannos de linho: applica-se esta cataplasma sobre as fontes, e a dor diminuirá. Se ella continuar renove-se a cataplasma.

Se for em lugar onde se possam obter folhas de café, ellas tambem são um valente antidoto. Tomem-se tres ou quatro folhas, passem-se pelas brasas e applicuem-se em toda a testa, de uma á outra, amarrando-se por cima um lenço para as segurar melhor. Em pouco tempo a dor de cabeça se extinguirá.



Acompanha a este n. 3 uma linda valsa denominada — *Candinha*, e os moldes mais modernos de corpinho com basquine.